

O desenvolvimento das teorias da comunicação: para além do determinismo comunicacional¹

Giovandro Marcus Ferreira²

Resumo

Este artigo faz parte de uma pesquisa que busca fazer uma leitura da história das teorias da comunicação, tendo como ponto de partida os estudos da técnica, cultura e discurso. Há uma preocupação em analisar a superação de uma visão determinista no interior dessas três tradições acerca do modelo comunicativo, assim como a convergência dos diversos paradigmas no âmbito da pesquisa mediática.

Palavras-chave

Teorias da comunicação; Técnica; Cultura; Discurso.

1) Do problema

Este trabalho faz parte de uma pesquisa que busca fazer um resgate dos paradigmas que marcaram a história das teorias da comunicação. Essa história pode ser observada por uma série de rupturas e desdobramentos. Paradigmas substituindo outros, ou então, sendo modificados em função da articulação e complementaridade entre eles. No entanto, pode-se destacar uma ruptura que atravessa os três domínios de estudo que têm relevância nessa história: Discurso, Técnica e Cultura. Todos eles foram marcados, ao longo de um certo tempo, por uma concepção de modelo comunicativo regido pela linearidade, causalidade e determinismo. Porém, em abordagens mais recentes, e por diferentes razões, tais atributos são abandonados e negados e a história das teorias da comunicação sofre mudanças no seu curso. Algumas hipóteses são aqui, inicialmente, lançadas e delimitadas em relação ao estudo da mensagem e do discurso:

O estudo da mensagem fora marcado pela linearidade cuja genialidade da produção (emissor) determinava o controle sobre o que era difundido, levando a uma assimetria na relação emissor-receptor. A passagem do estudo da mensagem ao estudo do discurso, tem-se um conceito central que é o de enunciação e suas implicações acerca do processo comunicativo (produção e reconhecimento). A partir da utilização desse conceito, pode-se caracterizar dois estágios dos objetos construídos e emanados pela enunciação: (1) a presença de estudos oriundos da pragmática, no âmbito da

1 Trabalho apresentado na NP Teorias da Comunicação no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Professor na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e doutor em Ciências da Informação pelo Instituto Francês de Imprensa – Universidade Panthéon-Assas (Paris 2).

comunicação, fortemente marcados pela causalidade, envolvendo tanto os convencionais, como os anti-convencionais, pois ambos querem anular a distinção entre produção e recepção. (2) o mesmo conceito de enunciação será também construído e aplicado aos discursos sociais, sobretudo por semioticistas, que tocam em diferentes tipos de operações, pois é levado em consideração o esgarçamento do processo de comunicação marcado pela circulação, e por conseguinte, pelas condições de produção e de reconhecimento (recepção) sempre em desnível (décalage) entre elas.

Sob a égide de utilização de diferentes modalidades desse conceito (enunciação), o desenvolvimento dos estudos do discurso mediático pode ser dividido em dois blocos: de um lado, (1) os estudos do discurso orientados pela ilusão de um “*além da frase*”, um desdobramento do objeto dos lingüistas monopolizado pelo material verbal do discurso, e de outro, (2) os estudos que posicionam as tramas da enunciação a partir de objetos bem diferentes desses edificadas pelos lingüistas, cujos funcionamentos discursivos socialmente pertinentes vão atravessar a matéria lingüística, indiferentes entre as fronteiras de sintaxe, semântica e pragmática. O acompanhamento e a análise da evolução do conceito de enunciação possibilitará uma classificação mais apurada dos estudos recentes sobre o posicionamento discursivo mediático (contrato de comunicação, contrato de leitura etc), realizados ao longo das décadas de 80, 90 e mesmo a partir do ano 2000.

2) Da cultura e da técnica

A comunicação de massa surge como objeto de análise na esteira da sociologia do século XIX, como já fora mostrado num outro momento.³ O debate entre a noção de sociedade antiga X moderna e a caracterização da sociedade emergente, teve como desdobramento conceitual uma outra noção, que foi a sociedade de massa. A noção de sociedade desdobrou-se em outras noções de massivo: cultura de massa, comunicação de massa, homem-massa.

A sociologia continuou, ao longo do século XX, se ocupando dos meios de comunicação, que ficou conhecida como sociologia dos *mass media*. A questão

3 FERREIRA, Giovandro, “As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa”, in HOHLFELD, A., MARTINO, L. e FRANÇA, V. (orgs.), Teorias da comunicação, Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

mobilizadora deste domínio de estudo, pode ser sintetizada da seguinte maneira: o que os meios de comunicação fazem com a sociedade e com os indivíduos? Esta indagação mobilizou diversos modelos analíticos que, de maneira pedagógica, pode-se dividir em dois grupos: (1) aquelas abordagens que reforçam o poder das novas tecnologias em geral e dos meios de comunicação em particular em relação à sociedade e aos indivíduos, (2) aquelas outras abordagens que dão ênfase ao equilíbrio entre os meios de comunicação, de um lado, e os indivíduos e a sociedade, de outro.

No primeiro grupo, as abordagens têm como ponto semelhante a ênfase dada aos meios de comunicação na sua onipresença e onipotência na sociedade. A força de tais meios é expressa nas suas ações reguladoras de *como fazer pensar, como não fazer pensar e o que pensar*. Estes vários modelos, baseados numa sociedade de massa, evidenciam a vulnerabilidade e passividade dos indivíduos diante potência e força dos meios de comunicação.

A teoria hipodérmica ou *bullet theory* já fala por si. Ela caracteriza meios de comunicação sobretudo por suas ações homogeneizantes, manipuladoras e massificadoras, restando, em seguida, somente constatar o estrago feito nos indivíduos e na sociedade. A sociedade vista sem tradições e instituições, os indivíduos atomizados e isolados, os meios de comunicação reinando, aparentemente, sem lei, eles sendo o rei da dinâmica social, na conquista de mentes e corações. A teoria crítica, também conhecida como Escola de Frankfurt, reforça esta perspectiva unilateral, tendo as características da indústria cultural como uma projeção na descrição dos indivíduos que estão em contato com ela. Há um salto analítico arbitrário nesta abordagem onde a caracterização da indústria cultural passa também a representar as características dos indivíduos que consomem os seus produtos culturais.

Os meios de comunicação continuam sendo o protagonista de outras abordagens, no caso duas hipóteses, que fazem coro a indagação gestada no interior da sociologia: o que eles fazem com as pessoas? Por um caminho idêntido (força dos meios e fragilidade dos indivíduos) chegam a conclusões aparentemente contraditórias. A hipótese do agendamento (agenda setting) destaca *o que os meios de comunicação fazem pensar*, levando a formação da agenda pública, pela os assuntos da ordem do dia e da hierarquia determinada entre eles por tais meios. A hipótese da espiral do silêncio vem, por sua

vez, ressaltar o silêncio imposto pela opinião dominante, veiculada sobretudo pelos meios de comunicação, provocando assim uma imposição do silêncio naquelas supostas vozes discordantes, tornando a opinião majoritária ainda mais dominante.

Todas estas abordagens carregam no interior uma noção de sistema mediático, onde a presença e ação dos meios de comunicação se tornam robustas e determinantes acerca da dinâmica social. A sociedade, a cultura, o indivíduo são fantasmas em tais abordagens, ou melhor, favas contadas, a partir das ações do rei sol, os meios de comunicação.

A partir de um outro domínio – o estudo das técnicas - mas numa *démarche* idêntica, se tem a produção de teóricos conhecidos como formuladores do paradigma tecnológico. A expressão maior deste modelo foi McLuhan, influenciado pelas pesquisas de seu orientador Harold Innis. Eles partem de uma problemática que mobilizaram e mobilizam domínios científicos como a história, a sociologia: o que movimenta a história? Onde está o motor da história que provoca mudanças na sociedade, na maneira de pensar dos indivíduos, de organizar as instituições etc?

Para McLuhan, o homem conhece mundo agindo sobre ele e para tal ação, ele cria extensões de seus sentidos, aumentando seu conhecimento no tempo e no espaço. Toda extensão afeta o “complexo psíquico e social”, na palavra de McLuhan.⁴ A criação de novas tecnologias vai provocando gradativamente um ambiente humano totalmente novo. “O meio é a mensagem” pois será ele – meio ou tecnologia – que levará a uma mudança de escala, um novo modelo que introduz nos assuntos humanos.⁵ McLuhan afirma, então, que “*a palavra escrita criou o individualismo e o nacionalismo no século XVI*”, ou então, que “*os efeitos da tecnologia não ocorrem no nível de opiniões ou conceitos, mas alteram os índices de sensibilidade ou modos de percepção rapidamente e sem qualquer resistência*”.⁶

Esta visão que coloca a tecnologia como agente de mudança social e individual, encontra desdobramentos em estudos mais recentes como certos autores que evidenciam

4 MCLUHAN, Marshall, **Os meios de comunicação como extensões do homem**, São Paulo, Cultrix, 1979.

5 Idem Ibidem.

6 MCLUHAN. M., **Os meios são as massa-gens**, 2ª. edição, Rio de Janeiro, Record, 1979, p. 21.

o avanço social e individual pela influência de novas tecnologias, uma visão apologética como Pierre Lévy⁷, a mediologia de Régis Debray⁸, ou então, uma visão marcada por um certo niilismo tecnológica, expressa com bastante ênfase nos ensaios de Jean Baudrillard.

3) Da mensagem e do código

Os estudos sobre a mensagem surgem em contestação aos modelos de massificação, fazendo apelo, entre outros, a decomposição do então ato de comunicação, trazendo em questão a importância da articulação ou estruturação da mensagem nos efeitos provocados pelos meios de comunicação.⁹ Lasswell foi um pioneiro, com seus estudos oriundos da sociologia e da política, na introdução da análise do conteúdo no âmbito das mensagens mediáticas, enriquecendo a reflexão em torno dos atos de comunicação, como se dizia então, juntando-se aos estudos dos emissores, dos meios e dos efeitos. No entanto, continua havendo uma visão que a ação, a iniciativa é uma exclusividade do emissor e os efeitos recaem, também exclusivamente, sobre o público ou receptores. Essa assimetria reforça, igualmente, a concepção de linearidade, causalidade e determinação nos estudos dos meios de comunicação. Não mais a partir do domínio da cultura, ou da técnica, mas dos estudos da mensagens, numa espécie de relação de estímulo-resposta, ativo-passivo.

Também se atendo ao estudo da mensagem, mas na perspectiva da otimização do fluxo comunicacional, a teoria informacional ou das telecomunicações, faz igualmente seu aparecimento no contexto de pesquisa dos meios de comunicação e é essencialmente uma teoria da transmissão, segundo o esquema proposto por Shannon. Há uma fonte que emite sinais através de um aparelho de transmissão, que por sua vez, há um receptor que procede a conversão de tais sinais para um destinatário. A mensagem neste aparelho pode conter ruídos. Logo, a teoria da informação se interessa ao código já que é ele torna possível a inteligibilidade transmissão da informação, ou seja, a diminuição do ruído.

O código é um conjunto de sinais, que serve de parâmetro para reduzir a

7 LEVY, P., **A inteligência coletiva**, 2ª. edição, São Paulo, Edições Loyola, 1999. Ver, também, LEVY, P., **Cibercultura**, São Paulo, Editora 34, 1999.

8 DEBRAY, Régis, **Cours de médiologie générale**, Paris, Gallimard, 1991.

9 Ver FERREIRA, Giovandro Marcus, "*Um leitura dos estudos dos efeitos*", in BARROS FILHO, Clovis e CASTRO, Gisele (orgs.), **Comunicação e práticas de consumo**, São Paulo, Editora Saraiva, 2007, p. 151-162.

eqüiprobabilidade na fonte. A informação é apreendida pelo seu lado mensurável no interior de um código, ou seja, o aspecto ressaltado é o sistema sintático. Neste caso, todo o aspecto do significado é desconsiderado, algo intrínseco a toda comunicação humana. Como diz Escarpit, “*os teóricos da telecomunicação se interessam antes de tudo ao significante que deve ter um certo número de qualidades: resistência ao ruído, facilidade de codificação e decodificação, velocidade de transmissão. Eles se interessam ao significado na medida onde suas características têm uma incidência sobre o significante.*”¹⁰

Escarpit explora o exemplo do correio para ilustrar as preocupações da teoria da informação. O correio deve transmitir um telegrama, sem estar, no entanto, interessado no conteúdo da mensagem. Para o correio o significado da mensagem é indiferente na medida em que sua tarefa é a transmissão de uma quantidade de informação. Porém, tal modelo comunicativo teve e tem grande repercussão na sociedade e teve igualmente desdobramentos no interior da pesquisa em comunicação. O lingüista russo Roman Jakobson foi um arauto na ampliação do modelo em questão, buscando articula-lo com a lingüística. Para ele, “*a atividade comunicativa é representada como transmissão de um conteúdo semântico fixo entre dois pólos, igualmente definidos, encarregados de codificar ou decodificar o conteúdo, segundo as restrições de um código igualmente fixo.*”¹¹ Jakobson tem o mérito, mesmo se apropriando da teoria da informação, como destacamos na citação acima, de ser também um dos primeiros lingüistas a fazer a distinção entre o processo de produção e o processo de recepção de frases. Mesmo se esta distinção não tenha as características que se empregam atualmente.¹²

Recebendo influência de outras disciplinas, com destaque para a lingüística, a problemática da teoria da informação vai sendo ampliada e posicionada não somente junto ao significante, mas também à noção mais geral da significação. Este novo posicionamento será definido por alguns como o modelo semiótico-informacional. Ele guarda essencialmente o esquema precedente, porém o mais importante, é que a linearidade da transmissão se encontra arraigada ao funcionamento dos fatores semânticos, através do conceito de código. A comunicação torna-se a transformação de

10 ESCARPIT, Robert, **L'information et la communication – théorie générale**, Paris, Hachette, 1991, p. 30.

11 JAKOBSON, R., *Linguistique et théorie de la communication*, in **Essais de linguistique générale**, vol. I, Paris, Les Editions de Minuit, 1963, p. 87.

12 VERON, Eliseo, *L'analyse du contrat de lecture: une nouvelle méthode pour les études de positionnement des supports de presse*, in **Les médias – expériences recherches actuelles applications**, Paris, IREP, juillet, 1985.

um sistema por um outro e não uma simples transmissão de informação.¹³ A noção de código encontra-se ainda como balizador na relação dos sistemas em questão.

O código será a base contratual visto sobre dois aspectos: de um lado, sobre a articulação dos códigos, e de outro, sobre a situação específica do processo de comunicação. Este último está presente na articulação dos códigos e dos sub-códigos entre a produção e recepção da comunicação (desníveis de códigos, hipercodificação, hipocodificação...) e nas circunstâncias forjadas pelos fatores sociais que provocam a assimetria entre os dois pólos da comunicação. A noção de desajustamento na recepção da mensagem se torna cada vez mais evidente, assim como as implicações sócio-culturais.

Apesar dos limites de tal modelo, ele tem a importância de abrir o processo comunicativo as interferências sociais. Isso possibilitará uma ampliação, em estudos posteriores, da influência de tais fatores - sócio-culturais - na compreensão do processo comunicativo. Um novo modelo é esboçado para melhor apreender a relação entre produção e recepção, ou melhor, reconhecimento das mensagens. Uma característica importante neste novo momento é pensar tal relação, não mais restrita a noção de código, mas a partir de “conjuntos de práticas textuais”, que leva em consideração da sincronia da comunicação, mas também de sua diacronia. Assim, poderemos pensar a problemática extrapolando a sincronia do processo de comunicação, levando igualmente em consideração a significação através do passado. A indagação pode ser deslocada da seguinte maneira: por que sem saber das notícias do dia seguinte, muitos leitores já têm em mente qual jornal que gostariam de ler amanhã? Para entender o processo de comunicação, e toda significação que ele comporta, a pesquisa sobre o discurso mediático é levada, cada vez mais, à contextualização dos processos comunicacionais em questão.

4) Do discurso e da circulação

A produção e o reconhecimento do discurso são edificados num diálogo intertextual, cuja construção de um texto é “costurada” pelos ecos de outros textos precedentes. A perspectiva diacrônica do consumo de tais textos adquire relevância na produção e no reconhecimento de um processo comunicativo. Diante da complexidade,

13 WOLF, M. op. cit.

ou então, do mistério da recepção, no dizer de Daniel Dayan, a noção de recepção vem carregada de desníveis e de “efeitos possíveis”. As implicações sócio-culturais tiram o receptor da condição de “depósito” da transmissão de mensagem e migram, por conseguinte, o estudo do signo, da análise do discurso para um conhecimento melhor da recepção, realizando articulações possíveis, nesta nova etapa de construção de uma semiótica da recepção e aproximando, o destinatário e o receptor, e concomitantemente, as abordagens sociológicas e semiológicas. Nas palavras de Mauro Wolf, poderemos estabelecer tal desafio na seguinte perspectiva: *“conectar discursos, interações e contextos sociais, tal é o objetivo explícito de uma corrente para o qual o discurso não é somente um objeto semiótico, mas deve ser constantemente ligado a outros contextos caso se queira compreender sua dinâmica.”*¹⁴

Uma questão aqui se levanta: como considerar um elemento relevante acerca de um determinado tipo de discurso? Para que um elemento seja considerado condição de produção e/ou recepção não é suficiente pleiteá-lo, é preciso que ele deixe pistas na superfície discursiva, levando assim os valores das variáveis postuladas como condições de um determinado tipo de discurso. Se tais condições mudam, o discurso muda igualmente.¹⁵

Produção e recepção são dois pólos conceituais produtores de sentido. O desnível entre eles é provocado pela circulação que adquire diferentes formas segundo o tipo de produção significante almejada. A circulação é o conceito oriundo de um modelo que posiciona o discurso entre seu engendramento e seus efeitos. Nestes termos o que tradicionalmente se estuda como marcas lingüísticas, nesta nova abordagem passam a ser traços ou pistas da operação de engendramento e/ou então de reconhecimento, que definem o sistema de referência das leituras possíveis. A noção de circulação oferece ao modelo analítico uma dinamicidade acerca da variação do investimento de sentido nas matérias significantes ao longo do tempo¹⁶, em outras palavras, pode-se caracterizar como a variação do ethos, fazendo do sentido uma materialização no tempo e espaço.

A linearidade entre a produção e o reconhecimento foi durante muito tempo

14 WOLF, Mauro, Recherche en communication et analyse du discours, in revue Hèrmes, n° 11-12, Paris CNRS Editions, 1993, p. 217.

15 VERON, E., “Dictionnaire des idées non reçues”, in **Connexions**, n° 27, Paris, ARIP.

16 Idem ibidem.

sustentado pela hipótese da convencionalidade: os atos de linguagem foram submetidos às convenções, pois a distinção entre dois pólos do discurso não era, então, pertinente, pois uma regra convencional assegurara a univocidade do resultado. Portanto, fora dos performativos, a convencionalidade torna-se insustentável. Um enunciado qualquer, sem ter esgotado todas suas significações, não pode se submeter a nenhuma convenção, caso não seja essa que contribui a lhe dar sentido.¹⁷

O desnível não é, igualmente, considerado por aqueles que têm uma posição não-convencionalista. Nesse caso, a regra da convenção se desloca em direção à intenção: ela se torna “*o objetivo consciente*” do autor. Portanto, fica claro que só o autor tem acesso as suas intenções, pois ele não passa seu tempo verbalizando-as. Se ele não as comunica constantemente, elas não se constituirão num fenômeno de comunicação. Isto quer dizer que entre a produção e o reconhecimento, há mais indeterminação que supõem as perspectivas ligadas à convenção e à intenção.

*“..o teórico não-convencionalista não poderá se contentar de ignorar essa distinção; ele será conduzido a produzir uma confusão permanente entre a produção e o reconhecimento. Para compreender a natureza desta confusão e o mecanismo de seu funcionamento, é preciso interrogar a noção mesmo de “intenção... que tem um papel fundamental na teoria dos atos de linguagem, que jamais fora definida”.*¹⁸

A materialização noção de circulação é fruto da diferença entre a produção e os efeitos dos discursos. As marcas sobre a superfície dos discursos são interpretadas a partir de dois pólos analíticos, enquanto pistas ou traços das operações de engendramento da produção e do reconhecimento que define o sistema de interpretações de leitura. As condições da circulação são variáveis, pois sofrem a influência do suporte material-tecnológico do discurso, da dimensão temporal, que possibilita a análise ser feita de maneira diacrônica, além, obviamente, da sincrônica.

4) Desenvolvimento das teorias da comunicação: pista para estudo

¹⁷Veron descreve em diversos artigos de seu livro **La sémiosis sociale - fragments...** certos impasses que a hipótese da indeterminação relativa fez emergir entre a produção e o reconhecimento no seio do estudo do ato de linguagem.

¹⁸VERON, E., **La sémiosis sociales - fragments...** p. 186.

O marco para se pensar o desenvolvimento das teorias da comunicação nessa pesquisa é a superação da visão dominante, marcada pelo determinismo acerca do modelo comunicativo, cujo um dos pólos é visto como causador do outro, seja ele o emissor, ou então, a instância de produção, em detrimento do receptor e da instância de recepção. Segundo nosso corte metodológico, o desenvolvimento das teorias da comunicação pode ser visto pelo viés dos estudos da cultura, do discurso e da técnica. Todos estes três filões foram marcados num primeiro momento por uma visão linear do modelo comunicativo, e em seguida, pela superação dessa visão. Eles seguem, de uma certa maneira, a tendência das ciências sociais, no seu abandono de características teleológicas e deterministas. Tal migração nos estudos mediáticos pode ser vista através de um processo que afeta a noção de modelo comunicativo. Inicialmente, há uma aceitação das interferências sociais no, então, ato comunicativo. As certezas da eficácia da comunicação não se verificam levando em conta essas implicações sociais.

No âmbito dos estudos da mensagem e do discurso, percebe-se uma aproximação dos estudos semiológicos e dos estudos sociológicos. Essa aproximação vai oferecer uma maior densidade da instância de recepção, agora de reconhecimento, além da reconfiguração de todo o processo comunicativo, inserido numa semiose social, histórica e infinita, dando consistência a noção de circulação na construção do sentido.

Porém, as mutações nos estudos contemporâneos da técnica, do discurso e da cultura, no âmbito da pesquisa dos meios de comunicação, vão ter uma convergência ainda maior pela influência dos estudos antropológicos (como, aliás, as ciências sociais em geral) reforçando o modelo comunicativo com noções determinantes para sua caracterização: a) instância de produção e reconhecimento, b) circulação entre essas instâncias e com toda espessura da cultura num determinado tempo e espaço; c) Os efeitos, ou melhor, a recepção enquanto mistério a ser conhecido cada vez mais, porém sem as mutilações do passado, enclausurando o receptor em fictícias certezas, assim como todo o processo comunicativo. Adiantamos que essas e outras convergências podem estar gerando um novo estágio da pesquisa mediática, menos fragmentada e dispersa, com permanente diálogo com diversas ciências, porém, com noções e conceitos que atravessam diferentes tradições que construíram a história da teorias da comunicação.

Bibliografia

- ATTALLAH, Paul, **Théories de la communication – histoire, contexte, pouvoir**, 2a. edição, Sainte-Foy, (Québec), Télé-université – Université du Québec, 1997, 318 páginas.
- , **Théories de la communication – sens, sujets, saviors**, Sainte-Foy, (Québec), Télé-université – Université du Québec, 1994, 326 páginas.
- BALLE, Francis, **Introduction aux médias**, Paris, PUF, 1994, 263 páginas.
- BOUGNOUX, Daniel, **La communication contre l'information**, Paris, Hachette, 1995, 143 páginas.
- , **Sciences de l'information et de la communication**, Paris, Larousse, 1993, 809 páginas.
- CHARAUDEAU, Patrick, **Le discours d'information médiatique**, Paris, Nathan / INA, 1997, -----, *Le contrat de communication de l'information médiatique*, in **Le Français dans le Monde**, número spécial, Paris, Hachette/Edicef, Juillet 1994, p. 8 - 19.
- CULIOLI, Antoine, **Pour une linguistique de l'énonciation**, Tome 1, Paris, Ophrys, 1990, 225 páginas.
- CULIOLI, Antoine et alii., **La théorie d'Antoine Culioli - Ouvertures et incidences**, Paris, Ophrys, 1992, 226 páginas.
- DEFLEUR, Melvin L., e BALL-ROKEACH, Sandra, **Teorias da comunicação de massa**, Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1993, 397 páginas.
- ESCARPIT, Robert, **L'information et la communication**, Paris, Hachette, 1991, 222 páginas.
- , **L'écrit et la communication**, 5^e édition, coll. «Que sais-je?», Paris, PUF, 1993, 124 páginas.
- FAIRCLOUGH, Norman, **Discurso e mudança social**, Brasília, Editora UnB, 2001, 316 páginas.
- FAUSTO NETO, Antônio, **Comunicação & Mídia Impressa**, São Paulo, Hacker Editores, 1999, 162 páginas.
- FERREIRA, Giovandro Marcus e MARTINO, Luiz Cláudio (orgs.), **Teorias da Comunicação – Epistemologia, Ensino, Discurso e Recepção**, Salvador, Edufba, 2007, 268 páginas.
- FERREIRA, Giovandro Marcus e DALMONTE, Edson Fernando (orgs), **Comunicação e Pesquisa – região, mercado e sociedade digital**, Salvador, Edufba, 2007, 214 páginas.
- FERREIRA, Giovandro Marcus, “*Um leitura dos estudos dos efeitos*”, in BARROS FILHO, Clovis e CASTRO, Gisele (orgs.), **Comunicação e práticas de consumo**, São Paulo, Editora Saraiva, 2007, p. 151-162.
- , “*Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo*», in FRANÇA, Vera et al., **Livro do XI Compós – Estudos de Comunicação**, Porto Alegre, Editora Sulinas, 2003, p. 263-282.
- , “*Paradigmas do campo comunicacional relacionados com a antropologia*”, in revista **Contracampo**, V. 7, Niterói, 2^o semestre de 2002, p. 141-156.
- , “*As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés da sociedade de massa*”, in HOHJFELDT, Antonio e alli., **Teorias da comunicação – conceitos, escolas e tendências**, Petrópolis, Vozes, 2001, p. 99-116.
- , “*Estudos dos mass media: diversidade, desdobramentos e convergências*”, in **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, N^o 2, Vol. XXIV, São Paulo, Intercom, julho/dezembro de 2001, p. 137-149.
- GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1989, 323 páginas.
- JAKOBSON, Roman, **Linguística e comunicação**, São Paulo, Cultrix, 1975, 162 páginas.
- , **Essais de linguistique générale I**, Paris, Les Editions de Minuit, 1963, 260 páginas.

- KATZ, Elihu, *"La recherche en communication depuis Lazarsfeld"*, in **Hermès**, n° 4, Paris, CNRS, 1989, p. 77-95.
- KRISTEVA, J., **Σημειωτική Recherches pour une sémanalyse**, Paris, Seuil, 1969.
- LARAMEE, Alain et VALLEE, Bernard, **La recherche en communication - Eléments de méthodologie**, Sillery, Presse de l'Université du Québec, 1991, 377 páginas.
- LAZAR, Judith, **La science de la communication**, coll. «Que sais-je?», n° 2634, Paris, PUF, 1992, 125 páginas.
- MAINGUENEAU, Dominique, **Análise de textos de comunicação**, São Paulo, Cortez Editora, 2001, 238 páginas.
- MARTINO, Luiz Claudio (org.), **Teorias da comunicação: muitas ou poucas?**, Cotia, Ateliê Editorial, 2007, 138 páginas.
- MATTELART, Armand et MATTELART, Michèle, **Histoire des théories de la communication**, Paris, La Découverte, 1995, 125 páginas.
- MELO, José Marques de, **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**, Petrópolis, Vozes, 1998, 412 páginas.
- MOUNIN, Georges, **Introduction à la sémiologie**, Paris, Les Editions de Minuit, 1970, 248 páginas.
- SILVERSTONE, Roger, **Por que estudar a mídia?**, São Paulo, Edições Loyola, 2002, 302 páginas.
- VAN DIJK, Teun A., (org.), **El discurso como estructura y proceso – Estudios sobre el discurso I**, Barcelona, Gedisa Editorial, 2000, 507 páginas.
- (org.), **El discurso como interacción social – Estudios sobre el discurso II**, Barcelona, Gedisa Editorial, 2000, 460 páginas.
- VERON, Eliseo, **Semiosis de lo ideológico y del poder**, Buenos Aires, Oficina de Publicaciones del C.B.C – Universidad de Buenos Aires, 1995, 133 páginas.
- , **La semiosis sociale. Fragments d'une théorie de la discoursivité**, Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes, 1987, 228 páginas.
- , *De l'image sémiologique aux discoursivités*, in revue **Hèrmes**, N° 13-14, Paris, CNRS Editions, 1994, p. 45-64.
- , *"Entretien avec Eliéo Veron"* in **MEI - Média & Information**, n° 1, Saint-Denis, Université Paris VIII, 1993, p. 7-27.
- , *"L'analyse du contrat de lecture"*, **Les médias, expériences, recherches actuelles, applications**, Paris, IREP, 1983, p. 203-229 .
- WOLF, Mauro, **Gli effetti sociali dei media**, 5^e édition, Milano, Bompiani, 1995, 221 páginas.
- , **Teorias da comunicação**, Lisboa, Editorial Presença, 1987, 249 páginas.
- , *Recherche en communication et analyse textuelle*, in revue **Hèrmes**, N° 11-12, Paris, CNRS Editions, 1993, p. 213-226.